

Edson Kayapó

PROJETOS E  
PRESEPADAS  
DE UM CURUMIM  
NA AMAZÔNIA

ilustrado por  
Maurício Negro





## SINOPSE

No livro *Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia*, o autor Edson Kayapó conta sua própria história de vida. Desde a sua rotina na aldeia indígena de que fazia parte, no Amapá, até sua mudança para estudar em um colégio interno – e como esse fato foi determinante para a sua vida profissional. O livro, escrito como uma autobiografia, instiga o leitor a valorizar a natureza, os povos indígenas do Brasil e a respeitar a cultura formadora de nosso país, pois é fundamental “viver em harmonia com a natureza, sem necessidade de destruí-la para obter a nossa sobrevivência, e respeitar o próximo em toda a sua diversidade, sem preconceitos”, como assegura o autor no final da obra.

## O AUTOR

Edson Kayapó nasceu na margem esquerda do Rio Amazonas, pelas mãos de uma parteira, no estado do Amapá. Filho de pai Kayapó e mãe Marajoara, aprendeu a observar a aranha tecer sua teia e a sentir o cheiro da flor do buriti, durante sua infância na densa Floresta Amazônica. Fez doutorado em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente, coordena políticas públicas para formar professores indígenas pelo Brasil, atuando como professor na Licenciatura Intercultural Indígena no Instituto Federal da Bahia (IFBA), campus Porto Seguro, e como gestor de projetos vinculados ao Ministério da Educação (MEC). Sua atuação profissional possibilita um contato permanente com aldeias, povos indígenas e a natureza preservada.

## O ILUSTRADOR

Mauricio Negro é ilustrador, escritor e designer gráfico especializado em temas ancestrais, circulares, ambientais, étnicos e ligados à diversidade cultural e artística brasileira. Participante de exposições, catálogos e eventos, recebeu prêmios e menções no Brasil e no exterior. Tem colaborado, entre outros projetos, com muitos autores que trabalham com temáticas indígenas. É membro do conselho da Sociedade dos Ilustradores do Brasil (SIB).

## QUE TAL UMA SEGUNDA CAPA?

Perceba que a capa da proposta de leitura é diferente da capa original do livro. Você pode produzir uma atividade de recriação da capa do livro. Questione se a nova capa proposta neste projeto de leitura seria adequada.

### Propostas de Leitura

Gerente Editorial: Júlio Röcker Neto  
Editora de literatura: Cristiane Mateus  
Estagiária: Thaynara Dias

Projeto gráfico: Fabíola Castellar  
Diagramação: Natalia Pires dos Santos  
Revisão: Giovana Casagrande

Todos os direitos reservados à  
Editora Positivo Ltda.  
Rua Major Heitor Guimarães, 174  
80440-120 — Curitiba — PR  
Site: [www.editorapositivo.com.br](http://www.editorapositivo.com.br)

Convidamos Marta Morais da Costa para escrever um texto abordando a metodologia utilizada nos projetos de leitura disponíveis para todos os livros de literatura do catálogo da Editora Positivo.



### QUANDO SE EDUCA PARA A LEITURA DA LITERATURA

*Minha vida escolar na Educação Básica foi de quase total silenciamento da literatura. No período correspondente ao hoje denominado Anos Iniciais do Ensino Fundamental, os professores bem-intencionados seguiam a toque de caixa a programação prevista no planejamento pedagógico (à época, não existiam esses nomes pomposos!). Muitos cuidados com a disciplina (bastante rígida), exercícios manuais e visuais de preparo para a alfabetização, “copiem!”, “copiem!”, “respondam!”. A metodologia ignorava desejos infantis, gosto pelas brincadeiras, o riso solto da infância. Tudo era dever, na escola e em casa. O livro de leitura era uma antologia de textos em tom grave, com conteúdos sérios e questionários de interpretação, preparando as convencionais provas de repetição. Autores já falecidos, fragmentos de romances, contos e crônicas. A poesia rigorosa e seca de sonetos moralizantes. Ilustrações raras, em preto e branco, com figuras convencionais. Ausência absoluta do lúdico, do diferente, do subversivo valor da surpresa, de visões múltiplas e até contraditórias. Uma antologia asséptica a serviço da aprendizagem.*

*No ciclo escolar seguinte, a literatura tornou-se ainda mais rara. Predominavam as aulas de gramática e de composição (mais tarde apelidadas de “redação”). Nas disciplinas de língua estrangeira – inglês e francês –, havia um pouco mais de arejamento com a utilização de letras de canções e um ou outro poema simples. Nada de filmes, projetos de valorização de leitura, incentivo ao*



*uso da biblioteca – por sinal, ela era magnífica no colégio em que estudei! O ensino tinha a marca formalista e avaliadora no, então, ciclo ginásial.*

*Ainda bem que a mudança de gerações, após minha passagem por essa escola, trouxe perspectivas de um trabalho mais atraente e motivador com a leitura de textos literários nas escolas brasileiras. Nestas primeiras décadas do século XXI, já é possível observar que a pedagogia voltada à formação do leitor de literatura evoluiu para melhor. Os acervos das bibliotecas cresceram em qualidade, a produção literária somou novos autores e ilustradores de alta qualidade estética, os professores passaram a valorizar o texto literário como forma de crescimento intelectual e pessoal e textos críticos sobre leitura e literatura são abundantes em revistas, jornais, livros e no mundo digital. Também aumentou a presença de autores em diálogo com leitores e educadores e as editoras dedicam porções generosas de orientações, assessorias e atendimento aos profissionais ligados à formação de novos leitores.*

“ Os mediadores podem estar a muito tempo realizando seu trabalho, mas os leitores aos quais eles se dirigem mudam e são sempre jovens. ”

## A FORMAÇÃO DE LEITORES E A LITERATURA

Esse trabalho conjunto tem modificado o cenário da formação e da recepção de textos literários nas escolas. A perspectiva rósea do trabalho com a literatura tem espinhos, como a rosa, e necessita de cuidados para que não murche – ou mesmo morra – e perca todo o perfume e a beleza. Essa comparação tem a ver com a própria dinâmica da formação de leitores. Os mediadores podem estar a muito tempo realizando seu trabalho, mas os leitores aos quais eles se dirigem mudam e são sempre jovens. Haverá sempre alunos começando a ler, haverá mudanças culturais, sociais, econômicas e tecnológicas em tempo muito ágil, e, por consequência, haverá a necessidade de contínua atualização de técnicas, teorias de aprendizagem e produção editorial. O conjunto dessas mudanças indica uma espécie de moto-contínuo, ou seja, um movimento permanente, perpétuo e que, no caso da educação, envelhece rapidamente os modos de tratar a literatura e as atividades para aproximar textos e leitores. Em razão dessas mudanças inevitáveis, retornamos sempre ao desaprender e reaprender, a rediscutir procedimentos, a rever nossa metodologia.

No entanto, é exatamente esse movimento que revigora o fazer pedagógico, traz novos olhares sobre os objetos de trabalho, rejuvenesce a profissão, abre os olhos para o novo. Acredito que os professores têm sempre para



contar casos de alunos que, como num passe de mágica, conseguem atribuir sentidos ao que leem. Alunos que, ao compartilhar suas leituras, mostram, no brilho dos olhos, todo o envolvimento causado pela história ou pelo poema. Este é, na verdade, o propósito de uma pedagogia da literatura: chegar a esses momentos gloriosos em que nossos alunos abrem um livro, voluntariamente, debruçam-se sobre as páginas e delas partem para ideias, imagens, aventuras, conceitos, aprendizagens de vida e de mundos. Nós, professores, acompanhamos essas reações e construções com a satisfação de ter presenteado os alunos com o melhor recurso que eles terão para aprender, progredir, e realizar-se pessoal e profissionalmente no futuro.

Para que essa conquista se realize, sabemos todos que a linguagem é o veículo e o conteúdo. Linguagem é muito mais que a língua portuguesa. Não se trata de conhecer os meandros da língua exclusivamente e da gramática em particular. Vejamos o que diz uma respeitável estudiosa da literatura infantil:


A leitura não é um exercício simples: ela necessita de competências que permitam descobrir os significados apropriados, que permitam compreender as estruturas globais e locais da história, as intrigas. Estas diferentes competências são de ordem linguística, certamente, que permitem ao leitor compreender o texto, mas [também são] enciclopédicas, que dizem respeito aos conhecimentos gerais daquele que lê. (PRINCE, 2010, p. 131)

Essa leitura enciclopédica implica conhecimentos prévios e experiências continuadas de leitura de textos variados. O que isso significa?

Uma primeira interpretação dá conta de que os alunos estão expostos naturalmente a textos com apelos diversos, como a publicidade em diferentes suportes (embalagens, cartazes, televisão, folhetos), com narrativas orais e escritas (em livros, em quadrinhos, em revistas, em novelas, em filmes), com poemas (quadrinhas, canções, literatura de cordel, *raps*), em imagens visuais (vídeos, pinturas, ilustrações de livros, fotos, colagens, telas de computadores e celulares), imagens fixas ou em movimento, sons das mais variadas formas e por aí fora. Não se pode esquecer que “A literatura [...] é um dos instrumentos humanos que melhor ensina ‘a se perceber’ que há mais do que se diz explicitamente. Qualquer texto tem vazios e zonas de sombra, mas no texto literário a elipse e a confusão foram organizadas deliberadamente.” (COLOMER, 2007, p. 70).

“Acredito que os professores têm sempre para contar casos de alunos que, como num passe de mágica, conseguem atribuir sentidos ao que leem. Alunos que, ao compartilhar suas leituras, mostram, no brilho dos olhos, todo o envolvimento causado pela história ou pelo poema.”





Uma segunda interpretação tem a ver com aprender a selecionar. Os textos variados e em quantidade superlativa têm diferentes qualidades e profundidade conceitual. Uma das maneiras de evitar a saturação e o tédio causado pela repetição é capacitar os alunos e reconhecer textos de boa qualidade e que importam para eles, ou seja, textos significativos, que atinjam os leitores emocionalmente e provoquem pensamentos e reflexão.

Para que essas palavras não pareçam ocas ou retóricas, torna-se imprescindível pensar a atuação do magistério como uma estrada de muitas vias e atalhos. Entre essas vias, duas conduzem a uma boa educação: a da informação e a da formação, isto é, a instrução sobre o conjunto de conhecimentos acumulados ao longo dos séculos (sempre a ser revisto e atualizado) e a constituição do caráter e da personalidade dos educandos (em contínua mudança e sobressaltos). Nessa dupla via, um dos textos mais adequados para dar conta de questões de conhecimento e de personalidade é a literatura. Uma explicação bela e justa vem nas palavras de Emilio Lledó:

A criação de uma linguagem interior da qual emerge a literatura, [que é] cultivo e cultura das palavras, revisão do imenso legado escrito, que não é outra coisa senão pensar com o já pensado, desejar com o já desejado; definitivamente, sonhar os sonhos das palavras, que dormem no legado da tradição escrita, da tradição real e que ao sonhar com elas as despertamos e, ao mesmo tempo em que as despertamos, despertamos com elas a nós mesmos. (LLEDÓ apud COLOMER, 2007, p. 20)

“  
Ler a literatura  
ganha dimensões  
amplas e  
profundas: as  
palavras deixam  
o território da  
fala cotidiana  
para ganhar  
o campo da  
tradição escrita.  
Cada novo livro  
traz em suas  
páginas ecos de  
livros passados.  
”

Ler a literatura ganha dimensões amplas e profundas: as palavras deixam o território da fala cotidiana para ganhar o campo da tradição escrita. Cada novo livro traz em suas páginas ecos de livros passados. Quando o professor se põe a ler em voz alta, ele e seus ouvintes criam uma corrente não apenas com os autores dos livros, mas com toda a tradição de escritores e escritos da humanidade. Por isso, ler a literatura não é apenas prazer ou conhecimento: é também um ato de solidariedade e de reconhecimento – no sentido de conhecer novamente e de prestar homenagem. E a solidariedade cultural é igual a toda solidariedade: dar as mãos, estabelecer ligação com, caminhar juntamente, demonstrar compromisso, compartilhar, assumir a reciprocidade.

Compreender a natureza do texto que sustenta um livro pode sugerir ao professor mediador os aspectos que podem ser abordados em seu trabalho com a formação de

leitores. María Teresa Andruetto descreve poeticamente a matéria de que são feitos os textos:

Porque um livro é uma viagem feita a partir de camadas e camadas de escrita, de sucessivas obediências à forma, para conseguir um tom, para encontrar um ritmo, para que soe bem, para o que era estranho se torne familiar, para o que era familiar se torne estranho, procurando que o conhecido seja rompido, seja polido, estale, buscando, enfim, uma ruptura que deixe por baixo algum resplendor disso que chamamos vida. (ANDRUETTO, 2012, p. 21)

Ao posicionar a literatura na educação, são muitos os autores e estudiosos que propõem a continuada e necessária relação entre os escritos e a vida. De tal forma esse vínculo é extraordinariamente relevante que deve servir de base e apoio para o modo como se trata a literatura na escola, o modo como as atividades são expostas e desenvolvidas, o modo como as avaliações e finalizações apontam para o caráter significativo e vital de todas as ações docentes. A literatura digna desse nome não é apenas um conteúdo, uma disciplina, uma maneira de ocupar o tempo ocioso: ela comunga em sua arte com os fatos, os sentimentos, a beleza e a ética do viver. Cabe aos professores mediadores demonstrarem essa ligação ininterruptamente.

## A PEDAGOGIA DA LITERATURA

A pergunta é sempre como a natureza do texto literário, isto é, a sua linguagem especial e específica, chega às escolas – e não apenas no Brasil. É o que expõe a especialista espanhola Teresa Colomer:

É importante mostrar logo às crianças que isto [a distância irônica, intelectualizada e o jogo metaficcional] é possível, que existe alguma forma nova de apreciar um texto, que nem sempre se justifica porque “é divertido” ou porque é “como se você o estivesse vivendo”. Lamentavelmente a experiência nos diz que a leitura dos professores, inclusive se limita com frequência a essas formas mais acessíveis. [...] É necessário que os docentes saibam analisar e avaliar os livros que oferecem outras formas de fruição para que possam levar as crianças a descobrir os prazeres que exigem maior elaboração. (COLOMER, 2007, p. 69)

O ponto de vista de Colomer resulta em algumas constatações e indagações a respeito do trabalho com a literatura em sala de aula. As atividades que propomos

“  
Ao posicionar a literatura na educação, são muitos os autores e estudiosos que propõem a continuada e necessária relação entre os escritos e a vida. De tal forma esse vínculo é extraordinariamente relevante que deve servir de base e apoio para o modo como se trata a literatura na escola, o modo como as atividades são expostas e desenvolvidas, o modo como as avaliações e finalizações apontam para o caráter significativo e vital de todas as ações docentes.”





“  
É importante  
retomar um  
princípio da leitura  
real: a literatura  
pode ter seus  
leitores de forma  
independente da  
escola. Os que  
foram cativados  
pela literatura  
continuam a ler  
seus textos mesmo  
sem mediação,  
sem a presença do  
professor, sem a  
biblioteca escolar.”

para intensificar os resultados da interpretação dos alunos podem ser eficazes? Elas conseguem respeitar ao mesmo tempo a natureza do texto literário e a vivência significativa dos alunos? Os professores mediadores têm condições de conhecimento e de apoio material para desenvolver atividades criativas e, até mesmo, inovadoras?

É importante retomar um princípio da leitura real: a literatura pode ter seus leitores de forma independente da escola. Os que foram cativados pela literatura continuam a ler seus textos mesmo sem mediação, sem a presença do professor, sem a biblioteca escolar. E escolhem o que lhes agrada, o que lhes convém, os livros que foram indicados por amigos, por familiares, pela imprensa, pelas redes sociais. Outra perspectiva é a da leitura da literatura na escola, quase sempre vinculada obrigatoriamente a uma série de procedimentos e a uma série de atividades pedagógicas. Na escola, a leitura, por mais livre que possa ser, está condicionada a avaliações formais e informais, a resumos, apresentações, debates e uma antologia bastante volumosa de práticas, que, por vezes, reduzem a literatura a um texto qualquer, igualada a gêneros informativos, biográficos, psicológicos, de “invasão ou de evasão de privacidades”, na correta afirmação de Ana Maria Machado. A escola transforma a arte literária em disciplina escolar.

É possível uma saída para essa dicotomia? Uma resposta possível e de amplitude vem de Yolanda Reyes:

Caberia promover uma pedagogia da literatura que desse vazão à imaginação dos alunos e ao livre exercício de sua sensibilidade, para impulsioná-los a ser recriadores de textos. E, aqui, falo de recriar no sentido de reconstruir o processo criador. Isso implica reconhecer um caminho seguindo as pegadas do outro. Talvez por isso continue sendo mais fácil ensinar a repetir, a memorizar, a copiar da enciclopédia do que promover o surgimento da voz própria de cada aluno. (REYES, 2012, p. 26-27)

Trata-se, sem dúvida, de conceber a pedagogia da literatura como um ato humanista, como um estímulo à criação, à autonomia e à expressão particular de cada professor e de cada um de seus alunos. Sim, porque, nessa concepção do trabalho com a literatura, os professores tornam-se, eles também, autores de sua prática. A imaginação e a sensibilidade também são requisitos de uma docência criativa, em lugar de manuais de respostas prontas e únicas, ou de atividades repetitivas e em desacordo com a dinâmica da vida dos alunos, ou ainda de ações meramente para preencher o tempo, cumprir o





programa ou agradar aos pais dos alunos. Ler as páginas da literatura em busca de interpretação e questionamento implica um projeto de “despertarmos com elas a nós mesmos”, como afirmou Lledó.

Convém salientar que, quanto melhor for o texto literário, quanto mais rico e amplo em suas conotações – isso significa menos limitado a lições de moral –, com personagens ricos, complexos e desafiadores, mais as atividades decorrentes da leitura pedirão desafios, complexidade, diversidade, riqueza e igual falta de limites. Textos muito fechados e limitados em demonstrar lições de qualquer tipo tendem a resistir a atividades criativas. Esgotam-se em sua pequenez, em sua limitação de linguagem e de significados. Um livro de poemas com imagens padronizadas, com rimas fáceis (terminadas em -ão, -ar, -ente, por exemplo) e com poemas curtos e superficiais dificilmente tem a riqueza de camadas de leitura, de propostas de musicalidade diferenciadas, de provocação à compreensão de metáforas. O mesmo se pode afirmar a respeito de narrativas com personagens superficiais (somente bons, belos e corajosos, por exemplo) que vivem episódios de final previsível, que se manifestam em diálogos sem profundidade, com finais sempre felizes, que impedem atividades de reconstrução da criação literária. Poemas e narrativas desse tipo aceitam bem a repetição de formas, memorização de nomes e fatos, cópias e resumos. Não será com essa pedagogia pobre e avarenta que os professores irão conquistar novos leitores e realizar um trabalho com retorno estimulante. Ao contrário, alunos, professores e livros de literatura se tornarão estéreis, improdutivos, tediosos.

Por vezes, as atividades propostas na escola usam a literatura apenas como trampolim, como disfarce, como justificativa para desenvolver trabalhos pouco apoiados nos poemas, dramas ou narrativas lidas. É situação semelhante à de estudar matemática sem usar numerais. A literatura é o texto literário. Parece óbvio, mas convém não esquecer que “tem a ver com o domínio específico de uma das muitas funções da linguagem, aquela que Roman Jakobson chama de ‘função poética’ e que se caracteriza por não empregar as palavras simplesmente tendo em vista o que elas significam, mas também, ao escolhê-las, levando em conta o critério de como elas se combinam.” (MACHADO, 2011, p. 160). Atender a esse alerta de Ana Maria Machado pode inspirar os professores a buscar atividades de desenvolvimento das leituras de seus alunos na direção da ludicidade, da interrogação da construção textual (sem aulas de gramática!) como

“Convém salientar que, quanto melhor for o texto literário, quanto mais rico e amplo em suas conotações – isso significa menos limitado a lições de moral –, com personagens ricos, complexos e desafiadores, mais as atividades decorrentes da leitura pedirão desafios, complexidade, diversidade, riqueza e igual falta de limites.”





“ Com base nessas possíveis posições é que as atividades devem se organizar para provocar a leitura compartilhada, a visão crítica de pontos e contrapontos, o diálogo da literatura com outras artes e a liberdade de interpretação e de argumentação que o texto possibilita. ”

uma linguagem específica (coerência interna, relação entre os elementos composicionais com personagens e espaços, personagens e metáfora, ações narrativas e tempo, presença de mitos e formatos narrativos tradicionais, intertextualidade e outros). No caso de poemas, além dos elementos citados, a musicalidade (correspondências sonoras e ritmo, por exemplo) e a linguagem imagética (metáforas, símiles, anáforas e outros) são componentes fundamentais.

Mas, acima das questões da linguagem literária (lembrando que não se trata da gramática da língua), estão as posições ocupadas pelos leitores ao longo do processo de leitura: compreensão, visão crítica, contextualização histórico-literária, redes de semelhanças e diferenças com outros textos literários, múltiplas interpretações e expressão do entendimento pessoal, entre outras. O caminho para chegar a essas posições é marcado pelos diferentes modos de acercar-se do texto, de discutir suas configurações ou de ampliar a sua leitura. Com base nessas possíveis posições é que as atividades devem se organizar para provocar a leitura compartilhada, a visão crítica de pontos e contrapontos, o diálogo da literatura com outras artes e a liberdade de interpretação e de argumentação que o texto possibilita.

As rápidas reflexões aqui expostas representam um convite ao compartilhamento e ao diálogo em diferentes direções no trabalho com a literatura na escola. Na direção de outra pedagogia da literatura que estimule os professores mediadores a ações criativas e de respeito à natureza do texto literário. Na direção da formação de leitores crianças e adolescentes capazes de atingir estágios de autonomia leitora e de conquista de vivências ficcionais que possam contribuir para o amadurecimento pessoal e social. Na direção de uma educação renovada e renovável que possa trazer, por meio da literatura, espaços de criação e expressão individuais e coletivas. Na direção, enfim, de encontros de conhecimento e de sensibilização por meio da arte literária que promovam descobertas de linguagem e de novas formas de compreender as alteridades e de viver sua personalidade.

Marta Morais da Costa é escritora, contadora de histórias e professora aposentada de literatura da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Entre os diversos livros e artigos de sua autoria, publicou “Mapa do Mundo: crônicas sobre leitura”; “Sempreviva, a leitura”; e “Metodologia do ensino de literatura infantil”, obra singular que enfrenta os principais problemas encontrados por professores das séries iniciais para a formação de leitores em literatura.

## BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. Tradução de Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.  
Como o título já esclarece, a autora defende uma literatura sem infantilidades, mas que chegue com arte e densidade ao leitor criança ou adolescente. A linguagem é bastante poética e o livro traz depoimentos da autora sobre a criação de textos ficcionais e sobre sua experiência como crítica da literatura.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.  
É um livro indispensável para pensar as práticas de leitura da literatura em sala de aula. Abrange desde a formação inicial até o nível do equivalente aos Anos Finais do Ensino Fundamental da escolarização. São reflexões, referências a obras, exemplos de procedimentos, aspectos das obras literárias e seus componentes (narrador, ilustração, temas, personagens, subgêneros literários e outros). A leitura traz contribuições relevantes para pensar a formação do leitor de literatura.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.  
O livro trata das relações entre literatura e escola. Expõe dados teóricos e práticos sobre os conflitos vividos em sala de aula durante a formação de leitores de literatura. Questiona e promove a reflexão sobre práticas usuais e sobre o ensino de leitura na escola.
- MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.  
Trata-se de uma antologia de ensaios e conferências a respeito de livros, leitura e literatura infantil. Salientam-se os estudos sobre contos tradicionais, sobre a importância da leitura e, principalmente, o ensaio intitulado *Alguns equívocos da leitura*, em que a autora comenta conceitos falsos e procedimentos equivocados a respeito da formação de leitores.
- PRINCE, Nathalie. *La literatura de jeunesse*. Paris: Armand Colin, 2010.  
Um estudo bem documentado sobre a literatura direcionada a crianças e adolescentes, com farta exemplificação e com uma bibliografia de apoio atualizada. O ponto forte do livro é o estudo sobre personagens em suas várias facetas. Há também um capítulo dedicado ao estudo das ilustrações em livros da literatura infantil e juvenil.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.  
O livro apresenta um variado espectro de assuntos relacionados à leitura, aos acervos (orais e escritos), ao papel da literatura na sociedade e na cultura. Dedicou um capítulo específico à escola e ao direito à literatura. Adota como valor do texto literário o que denomina “cultura-revolta e não um show”. Todos os capítulos têm um viés cultural, humanista e histórico bastante relevante e bem abordado.





- REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. Tradução Rodrigo Petronio. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

A perspectiva desta obra é tornar o trabalho com a formação dos leitores uma aprendizagem lúdica e encantadora. Há exemplos de procedimentos que podem ser aplicados a diferentes idades e que visam sempre tornar a literatura um texto vivo e prazeroso. É um livro que estimula os professores a se tornarem inventivos.

- YUNES, Eliana. *Professor leitor: uma aprendizagem e seus saberes*. Curitiba: Editora Hum, 2016.

Livro indispensável para pensar a formação de professores por meio da leitura. Por associação, é também um volume sobre a formação de leitores. Em estilo claro e muitas vezes poético, todo intertextualizado, a autora discorre sobre os vários aspectos que podem estar na origem da falta de leitura e os vários aspectos que podem transformar o professor em mediador de leituras. Há exemplos práticos, há referências a vários textos (não apenas literários) que discutem a questão, que a metaforizam e que, de algum modo, ajudam a compreender melhor a questão da docência amadurecida pela leitura.

## TRABALHANDO COM A LEITURA



### ANTES DA LEITURA

1. Antes de ler a obra *Projetos e preseçadas de um curumim na Amazônia*, realize algumas atividades para sensibilizar os alunos quanto à(s) temática(s) do livro. Converse com eles sobre os povos indígenas presentes no Brasil. Promova uma pesquisa (em livros e sites da internet) e mostre vídeos, fotos e áudios de músicas para a turma.
2. Depois, provoque a turma e questione: Quais foram os primeiros povos a habitar o Brasil? Como os indígenas vivem? Quais são os seus costumes? Eles conseguem preservar sua identidade ou as pessoas que tentam dominar as terras brasileiras podem exterminar sua cultura? A maioria de nós, brasileiros, tem ancestral indígena?
3. Incentive os alunos a contarem suas histórias pessoais e que relatem se há indígenas em suas famílias.
4. Realize um trabalho de pesquisa em que a turma possa descobrir mais sobre a natureza. A história traz elementos que podem render um projeto que contemple o estudo de plantas, árvores, flores, frutos, animais e sustentabilidade.
5. Se tiver acesso, apresente outros livros de literatura que tenham a cultura indígena no enredo, como: *Boca da noite: histórias que moram em mim*, de Cristino Wapichana, da Editora Zit, *Os índios antes do Brasil* (2000), de Carlos Fausto, da Zahar; *Pai, o que é índio?* (2013), de Pedro Sarmiento, da Viajante.



6. Depois, apresente a capa e a contracapa do livro *Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia* aos alunos e peça-lhes que observem as ilustrações nele presentes. Com base nisso, de modo a sensibilizar a turma, faça perguntas às crianças para que imaginem a história, como: quem é o autor das ilustrações? (Maurício Negro). O que está ilustrado na capa?
7. Ao mostrar a capa do livro, leia com os alunos o título *Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia* e questione-os. O que será que o autor quis dizer com “projetos e presepadas”? O que pode ser isso?
8. Em seguida, pesquise com a turma sobre o autor da obra, Edson Kayapó, para que as crianças percebam que ele é um legítimo indígena.
9. Leia com a turma o texto de abertura do livro, escrito pela indígena Eliane Potiguara, e leve os alunos a apreender a temática da história que estão prestes a conhecer.
10. Estimule os alunos a perceber a dedicatória do livro, que contém palavras indígenas em meio ao texto em língua portuguesa, e que os nomes indígenas sempre significam algo, no caso, a “que sorri com os olhos”.

## DURANTE A LEITURA

1. Leia o livro em voz alta uma vez, permitindo que os alunos acompanhem a história narrada e leiam também as ilustrações presentes em algumas páginas.
2. Depois, leia novamente o texto com os alunos destacando que “curumim” é uma palavra de origem tupi que significa “criança” em português. O curumim é o menino que narra a história, em 1.<sup>a</sup> pessoa, e esse texto é uma biografia real do autor.
3. No início do livro, chame a atenção dos alunos para que percebam como é rica a natureza e como os povos indígenas vivem de maneira intensa o contato com os animais, os frutos, os rios e a liberdade.
4. Aponte para a turma como foi marcante para o protagonista a viagem de ida para o colégio interno: quatro dias viajando pelos rios da Amazônia e depois na estrada, de ônibus – com direito a ficar atolado no caminho. Mostre aos alunos as características do personagem: um menino corajoso que nunca reclamava de viver essas aventuras e que estava indo para longe de sua família porque entendia a necessidade de ter maiores oportunidades de crescimento em sua vida.
5. Em seguida, comente como era a vida do curumim na escola, o fato de ele ter que estudar e trabalhar para pagar sua mensalidade, por exemplo. Chame a atenção para os “projetos” e “presepadas” que o menino fazia – nomes que deram origem ao título do livro e que significam atitudes que ele e outros meninos tomavam que eram contra as regras da escola. Ressalte também a coragem do menino em querer mudar de escola e sua atitude de escrever uma carta para conquistar esse objetivo.
6. Até que o menino virou um adulto que não seguiu um caminho religioso, mas que estudou bastante (Pedagogia e História) e virou um “índio-doutor”, voltando a morar perto de sua tribo indígena e espalhando pelo país, como palestrante, a importância de se preservar a natureza e respeitar a diversidade dos povos.







## DEPOIS DA LEITURA

1. Terminada a leitura, retome a história oralmente com os alunos. Pergunte a eles: O que o livro conta? É importante conhecer, respeitar e valorizar a história e a cultura de todos os povos? Cada um de nós tem uma história para contar? Feito isso, estimule os alunos a fazer um trabalho de construção da identidade tendo como origem as perguntas “Quem sou eu?” e “De onde vim?”
2. Chame a atenção para a jornada que o curumim enfrentou e para o fato de ele “ver e viver as coisas pela primeira vez” e fazer uma “viagem para uma nova vida”, com um “início de um novo ano”, na página 26. Pergunte aos alunos: Será que podemos recomeçar sempre? Toda mudança é um recomeço?
3. Outro tema bastante abordado no livro é a valorização da natureza e dos animais. Como atividade, os alunos podem pesquisar animais e plantas da Floresta Amazônica.
4. Questione a turma: é importante dar valor à natureza? Comente com eles sobre a maneira como eram extraídas as árvores na história e provoque-os a fazer um projeto sobre sustentabilidade em que divulguem para outras turmas da escola e comunidade o que as pessoas podem e devem fazer para preservar a natureza. Como desdobramento disso, os alunos podem plantar uma horta – valorizando assim o que se come e incentivando uma maior ligação com a natureza.
5. Se possível, assista com os alunos a filmes como *Tainá* (2000) e *Cineastas indígenas para jovens e crianças* – é possível baixar o Guia Didático em PDF, além de diversos documentários de tribos indígenas brasileiras (disponíveis na internet), mostrando como a cultura indígena é rica e fundamental para a formação do povo brasileiro.
6. Proponha um projeto em conjunto com a disciplina de Língua Portuguesa e incentive os alunos a fazerem uma pesquisa sobre palavras indígenas que usamos no nosso dia a dia e que muitas vezes nem sabemos que foram herdadas desses povos, como “carioca”, “mandioca” e “abacaxi”. Instigue a turma a construir um pequeno “livro de glossário”, utilizando as palavras desconhecidas presentes no livro (notas de rodapé).



7. Outra proposta é incentivar as crianças a construir um mapa da Amazônia e/ou de um local do Brasil em que existem ainda tribos indígenas (desenhando, pintando ou fazendo uma maquete).
8. Instigue a turma a criar cenas teatrais, em grupos, interpretando (com improviso) uma história inspirada no livro com os personagens: mãe, pai, o curumim, colegas da escola, entre outros. Os alunos poderão encenar como é a vida dos indígenas e fazer ações como caçar, pescar, fazer objetos de cerâmica e enfeites de pena, tomar banho no rio, cozinhar, cantar e dançar em volta da fogueira, brincar de pira (pega-pega), pira-esconde, peteca, roda, entre outras dramatizações. No momento da apresentação, delimite um espaço que funcionará como um palco (pode ser feito apenas um traçado com um giz no chão) e disponha a turma sentada como plateia enquanto os grupos, alternadamente, se apresentam para o restante da turma.
9. Outro projeto, também com a disciplina de Língua Portuguesa, pode propor que os alunos reescrevam a história do livro (criando novos textos para o começo, o meio ou o fim), em páginas separadas – de modo que possam ser expostos na sala.
10. Para encerrar, oriente os alunos a criarem ilustrações novas para compor as páginas dos textos que criaram, utilizando diferentes grafismos indígenas e fixe as produções no mural da sala de aula.



Autoria das atividades: Maíra Weber

Doutora em Educação, professora, jornalista e atriz. Atua como autora de materiais educacionais e como formadora e palestrante sobre os temas: Arte, Literatura Infantil e Contação de Histórias.

É vencedora do Prêmio Jabuti (melhor livro didático) como uma das autoras da coleção Linhas da Vida, do programa Mundo Leitor.

Além disso, venceu um concurso das Livrarias Curitiba com o conto *Noitada* e é autora do livro infantil *Estou perdendo o meu corpo*, da Editora Parabolé.

## OBRAS INDICADAS PARA A COMPLEMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES

- MUNDURUKU, Daniel. *Um dia na aldeia*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.  
A obra mostra um dia na vida de um menino índio da tribo Munduruku: o que ele faz durante o dia, como brinca com os amigos, como caça, pesca e ainda como se relaciona com os outros membros da tribo. Traz glossário e mostra algumas curiosidades do próprio Munduruku.
- CARVALHO, Ana. *Depois do ovo, a guerra*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.  
Adaptado por Ana Carvalho e ilustrado por Rita Carelli, o terceiro livro da coleção acompanha os meninos Panará em uma brincadeira muito séria. Ao reviver a antiga guerra de seu povo contra os Txucarramãe, seus velhos inimigos, os meninos da aldeia pintam o corpo, cortam os cabelos, fabricam as armas para celebrar a história, que se torna presente. Em meio a falsos golpes de borduna e muita correria, não faltam boas doses de risada.





## PROPOSTA DE LEITURA COLABORATIVA

Sua atividade e de seus alunos poderá ser realizada em muitas outras escolas que estão lendo o mesmo livro. Afinal de contas, o livro só se completa quando é lido e compartilhado. Boas atividades de literatura nada mais são do que a construção intencional de momentos em que é possível dividir diferentes impressões sobre uma mesma obra. Algumas atividades podem dar muito certo numa turma, em outras nem tanto. Por isso, fala-se em propostas que serão sempre mediadas e recriadas pelo professor.



### CONTE COMO FOI!

Todos os anos essas propostas de leitura poderão ser atualizadas com atividades realizadas nas escolas. Mas para isso acontecer, é preciso que o professor entre em contato com a assessoria pedagógica.

### CONTATOS

Equipe da assessoria pedagógica da Editora Positivo.  
E-mail: [propostasleitura@positivo.com.br](mailto:propostasleitura@positivo.com.br)